



Os processos da aprendizagem oral da língua portuguesa em crianças do ensino pré-escolar na cidade do Sumbe

Los procesos de aprendizaje oral de la lengua portuguesa en niños de educación preescolar en la ciudad de Sumbe

Gilda Nachoco Diniz¹

RESUMO: Este artigo apresenta resultados de um estudo realizado no município de Sumbe, com objetivo de descrever os processos de aprendizagem oral da língua portuguesa por crianças do ensino Pré-escolar. Para a realização deste estudo, utilizou-se a metodologia de abordagem qualitativa. A pesquisa foi desenvolvida com a participação de quatro (4) professoras do ensino Pré-Escolar que estão localizadas em três diferentes escolas públicas da periferia da cidade do Sumbe em Angola. As participantes foram submetidas a uma entrevista com uma sequência de quatorze (14) perguntas no qual responderam individualmente de forma oral. O tema principal das perguntas é referente aos processos de aprendizagem oral da língua portuguesa em crianças do ensino Pré-escolar. A Língua Portuguesa é a única via de aprendizagem oral de conhecimentos linguísticos nas escolas de Angola. As interações orais entre crianças fora da sala de aula realizam-se numa relação entre língua portuguesa e línguas nacionais. Na instituição escola, sendo essa a responsável por prevalecer à visão, entre os educadores, de que não há influência das línguas nacionais no processo do ensino e aprendizagem neste caso dando ênfase a modalidade oral da língua portuguesa. Observamos que não há dificuldades de aprendizagem oral da língua portuguesa mesmo tendo a influência e presença das línguas nacionais constituindo a linguagem das crianças. Predomina a concepção de que há facilidades no processo de aprendizagem oral da língua portuguesa pelas crianças mesmo quando não se considera essa interação com e por meio das línguas nacionais. As aulas de Língua Portuguesa são ministradas em português. Conclui-se assim que os participantes conhecem parcialmente os processos da aprendizagem oral da língua portuguesa em crianças da iniciação (Pré-escolar).

Palavras-chave: Processos, Aprendizagem oral; Língua Portuguesa; Pré-Escolar.

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de un estudio realizado en el municipio de Sumbe, con el objetivo de describir los procesos de aprendizaje oral de la lengua portuguesa de niños en edad preescolar. Para llevar a cabo este estudio se utilizó una metodología de enfoque cualitativo. La investigación fue desarrollada con la participación de cuatro (4) docentes de Preescolar que se encuentran ubicados en tres diferentes escuelas públicas de la periferia de la ciudad de Sumbe en Angola. Los participantes fueron sometidos a una entrevista con una secuencia de catorce (14) preguntas en las que respondieron individualmente de forma oral. El tema principal de las preguntas se refiere a los procesos de aprendizaje oral de la lengua portuguesa en niños en edad preescolar. El idioma portugués es la única forma de aprender conocimientos lingüísticos en las escuelas de Angola. Las interacciones orales entre los niños fuera del aula se dan en una relación entre el portugués y las lenguas nacionales. En la institución escolar, que es responsable de prevalecer la opinión, entre los educadores, de que no hay influencia de las lenguas nacionales en el proceso de enseñanza y aprendizaje, en este caso, con énfasis en la modalidad oral de la lengua portuguesa. Observamos que no existen dificultades en el aprendizaje oral de la lengua portuguesa, incluso con la influencia y presencia de lenguas nacionales que constituyen la lengua de los niños. Prevalece la concepción de que existen facilidades en el proceso de aprendizaje oral de la lengua portuguesa por parte de los niños, incluso cuando no se considera esa interacción con y a través de las lenguas nacionales. Las clases de portugués se imparten en portugués. Por lo tanto, se concluye que los participantes conocen parcialmente los procesos de aprendizaje oral de la lengua portuguesa en niños de iniciación (Preescolar).

Palabras clave: Procesos, Aprendizaje oral; Lengua portuguesa; Preescolar.

¹ Mestre em Educação Pré-Escolar pelo Instituto Superior de Ciências de Educação do Sumbe da Universidade Katyavala Bwila (Angola). E-mail: gildanachoco@hotmail.com.



DINIZ, G. N.

Introdução

Um dos maiores desafios para o educador em Angola é compreender como é que um falante desenvolve o seu conhecimento para o entendimento de uma língua, sendo nacional ou nativa. Entender estes processos é, indubitavelmente, a adoção de estratégias adequadas e a preparação de programas e materiais harmonizados com as necessidades específicas de cada criança durante os processos de escolarização.

Diante disso, faz-se necessária a construção de reflexões teóricas, baseadas em dados empíricos, sobre como se processa a aprendizagem oral da língua portuguesa no ensino pré-escolar, considerando a existência de crianças que chegam à escola com conhecimentos orais com influências das línguas nacionais. Bem como as interações verbais que se desenvolvem entre professores e crianças nas salas de ensino Pré-Escolar.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa foi descrever os processos da aprendizagem oral da língua portuguesa em crianças do ensino Pré-Escolar na cidade do Sumbe. Em função disso, os objetivos específicos que nortearam esta investigação são os seguintes:

- a) Identificar a existência de línguas nacionais da localidade onde está situada a escola;
- b) Caracterizar os processos que se usam na aprendizagem oral da língua portuguesa, em crianças da iniciação (Pré-Escolar);
- c) Analisar o nível de língua e as interações de comunicação oral que se desenvolvem fora da sala de aula, entre crianças da iniciação (Pré-Escolar);
- d) Identificar a existência de influência das línguas nacionais no processo da aprendizagem oral da língua portuguesa, em crianças da Iniciação (Pré-Escolar);
- e) Identificar as dificuldades ou facilidades que as educadoras encontram no processo da aprendizagem oral da língua portuguesa, em crianças da iniciação (Pré-Escolar);
- f) Descrever a interferência das línguas nacionais na aprendizagem oral da língua portuguesa, em crianças da iniciação (Pré-Escolar);
- g) Identificar o tratamento que é dado às crianças com sinais das línguas nacionais na sua fala, na iniciação (Pré-Escolar).



DINIZ, G. N.

Os objetivos específicos citados anteriormente auxiliarão na construção deste trabalho sendo assim a base metodológica que será tratada neste estudo é a abordagem qualitativa, através do qual se procurou encontrar vias para a reflexão sobre os processos de aprendizagem oral da língua portuguesa em crianças do ensino Pré-Escolar.

Processos de aprendizagem oral de uma língua

Nesta seção do trabalho vamos trazer estudiosos que tratam da temática de aprendizagem oral de qualquer língua, Segundo Alves (2007), o processo de aprendizagem oral de uma língua traduz a maneira como os seres adquirem novos conhecimentos linguísticos, desenvolvem competências e mudam o comportamento. Trata-se de um processo complexo que, dificilmente, pode ser explicado apenas através de recortes do todo (p. 18).

Nesse sentido, Barros, et. al., (2008) revela que o processo de aprendizagem oral da língua é um mecanismo de aquisição de conhecimentos linguísticos que são incorporados aos esquemas e estruturas intelectuais que o indivíduo dispõe em um determinado momento, bem como, um processo que valoriza as competências, habilidades, conhecimentos, comportamentos comunicativos e tem como objetivo a elevação da experiência, formação, raciocínio e observação.

De acordo com Vygotsky (2001), o conhecimento da criança se enriquece por meio das interações com outros grupos e brincadeiras, com objetos que vai conhecendo. Assim, o autor aponta a escola como mais um espaço para interagir e construir novos conhecimentos, sendo um dos mais importantes, porque a criança se depara com vários colegas diferentes.

Para Antunes (2008), aprender oralmente a língua portuguesa é um processo que se inicia a partir do confronto entre a realidade objetiva e os diferentes significados que cada criança constrói acerca dessa realidade, considerando as experiências individuais e as regras da escola existentes (p. 32).

Na perspectiva de Vygotsky (1984), “a aprendizagem é o resultado da interação dinâmica entre a criança com o meio social”, sendo que o pensamento e a linguagem recebem influências do meio em que convivem. O funcionamento cognitivo da mente está



DINIZ, G. N.

relacionado à reflexão, planejamento e à organização das estruturas lógicas e vai adequando-se a mediação simbólica e social (p.87).

Os processos de compreensão oral da língua portuguesa

Nesta seção do trabalho vamos trazer estudiosos que tratam da temática de compreensão oral da língua portuguesa, Segundo Gaspar (2015), audição e compreensão oral nem sempre são sinónimo. A questão é saber se a criança consegue compreender os enunciados orais que ouve, isto é, se as muitas palavras que ouve se articulam na mente da criança de forma a construir um significado compreensível. Para esse autor, ouvir não se trata apenas de expor os apreendestes a enunciados orais. Muitas vezes, há o equívoco de entender o trabalho da compreensão oral como uma mera exposição à língua, considerando-se que, pôr os alunos a ouvirem a fala do professor, dos colegas ou procederem à audição de textos gravados, se está a desenvolver a compreensão oral (p.48).

De acordo com Nunan (2002, p.238-299), ouvir é essencial em sala de aula porque providência *input*, mas se o aluno não compreende esse *input* a aprendizagem não ocorre. Os mesmos autores salientam que não queremos com isso dizer que o discurso de professores e colegas não possa promover a compreensão oral. A chave está em saber explorar estas ocorrências da forma mais adequada e adoptar as crianças de uma capacidade de encontrar significado naquilo que ouvem (p.48).

Assim, numa tentativa de compreender um enunciado, o apreendente pode recorrer a um processo descendente, desenvolvendo uma ideia geral, com base nas ideias principais detectadas no texto como um todo (HARMER, 2001, p.201).

Nunan (2002, p.239) revela que os enunciados devem ser devidamente contextualizados. Através de uma ideia prévia do assunto retratado, podendo fazer assunções de conteúdos e criar expectativas sobre o que vão ouvir. É esta a razão importante que, antes de se iniciar uma tarefa de compreensão oral, se desenvolvam atividades que direcionam a atenção dos estudantes para o tema e contexto, permitindo acionar os conhecimentos prévios de que dispõem (48).



DINIZ, G. N.

No processo ascendente, o receptor irá focar-se em elementos individuais (por exemplo, aspectos gramaticais e lexicais), realizando uma análise mais pormenorizada do enunciado e esclarecendo dúvidas remanescentes relativamente ao significado. Assim, poderá alcançar a compreensão ao interligar estes elementos detalhados com vista a formar um texto completo e significativo (NUNAN, 2002, p.239), citado por (Gaspar, 2015, p.49).

Gaspar (2015) admite que, por vezes, a preocupação de compreender tudo o que se ouve, faz com que os alunos, especialmente em níveis iniciais, tentem perceber todas as palavras individualmente. Nesse sentido, há que trabalhar com eles a seleção estratégica de informações relevantes para que, retendo apenas parte do conteúdo, consigam inferir o enunciado na sua globalidade (p.49).

Como indica Harmer (2001, p.201), segundo (Gaspar, 2015, p.49), algumas vezes são pequenos pormenores que nos ajudam a compreender o todo, mas outras vezes é uma análise global que nos permite perceber determinados detalhes: assim é importante ajudar os aprendizes a desenvolver as capacidades de utilizar os dois processos (processo interativo). Uma das formas de fazer, segundo o autor, é planear a tarefa de compreensão oral em três fases, como sugere (John Field, 2002, p.242-245), citado por (Gaspar, 2015, p.49): antes da audição e após a audição.

De acordo com esse autor, os principais objetivos da primeira fase serão contextualizar o texto e criar motivações (por exemplo, fazer uma suposição sobre o que irão ouvir), no segundo momento, a da audição propriamente dita, (Field, 2002, p.242-245), citado por (Gaspar, 2015, p.49), indica duas vertentes, uma extensiva, na qual se ouve texto integral, com o principal objetivo de extrair dele o significado global e uma intensiva, na qual se aprofunda a compreensão do enunciado.

O autor salienta a importância da atribuição de tarefas, ou seja, deve haver um objetivo para a audição. Ouvir com um propósito ajuda a focar a atenção em aspectos mais relevantes. Para além da tradicional tarefa de responder à questão de interpretação, poderá ser muito proveitoso preparar outras atividades práticas como, por exemplo, preencher um formulário, fazer escolhas pessoais, seguir instruções ou completar grelhas informativas.



DINIZ, G. N.

Segundo o mesmo autor, pode-se ainda criar uma atividade de trabalho cooperativo, onde os alunos partilham as suas percepções e opiniões do texto oral em pares ou as debatem em turma. Estas tarefas poderão ser realizadas, com uma primeira audição, extensiva, e, no caso de o enunciado ser gravado, pode voltar a ser ouvido para uma análise intensiva, de forma a conferir respostas (p.49).

Field (2002, p.247), citado por Gaspar (2015, p.50), afirma que ouvir várias vezes um enunciado pode contribuir para melhorar a capacidade de compreensão oral. Para este autor, outra questão de suma importância na realização de tarefas de compreensão oral é a motivação. Sim-Sim, Silva e Nunes (2008) referem que, ao dialogar com a criança, o adulto desempenha um papel de “andaime”, pois este serve de modelo à criança e é seu dever contribuir para a expansão do desenvolvimento linguístico e cognitivo de qualidade.

Por esta razão, o educador deverá ter atenção à linguagem que utiliza, pois ele é um modelo para as crianças e algumas palavras são ouvidas pela primeira vez. Nesses casos, o educador deverá explicar o respectivo significado, atendendo ao contexto em que poderão ser empregados e às regras da língua. É igualmente dever do educador transmitir à criança, se possível através de atividades lúdicas, a importância de falar com clareza, expressar-se de forma adequada e saber ouvir os outros. Também é importante que a criança tenha oportunidade de se expressar individualmente, dar a sua opinião.

Também Harmer (2001, p.228), citado por Gaspar, (2015, p.50), defende que o educador deve dar aos alunos a hipótese de escolher o tema dos textos a ouvir pode ter impacto profundo na aprendizagem. E estas atividades não têm de se restringir a sala de aula. Se os alunos estiverem inseridos num contexto em que a língua seja falada no cotidiano, como é o caso de Angola, existem diversas oportunidades para praticar a compreensão oral, tais como: contar histórias, ouvir rádio, ver televisão ou assistir a palestras.

Em suma, Nunan (2002, p.241), cit. por Gaspar (2015), indica que um bom trabalho ao nível da compreensão oral incluirá os seguintes pontos: material baseado em textos autênticos sejam monólogos ou diálogos; tarefas iniciais para preparar a audição; tarefas de escutas eficazes; estruturar a capacidade auditiva com tarefas progressivamente mais



DINIZ, G. N.

desafiadoras; conteúdos adaptados aos interesses dos alunos; oportunidade para um papel ativo na escuta (p.50).

Expressão oral da língua, o caso da Língua Portuguesa

Nesta seção do trabalho vamos trazer estudiosos que tratam da temática Expressão oral da língua, o caso da Língua Portuguesa, A palavra falada, é muito mais do que a escrita, torna-se essencial para a integração no meio que a rodeia e, assim, a que se sustenta em grande parte, a realização das necessidades comunicativas e sociais. Efetivamente, a língua é utilizada pelo ser humano para interagir com o meio que o cerca, sendo expressão das suas vivências sociais e individuais permitindo partilhar fatos, emoções e necessidades. Naturalmente, essa expressão pode ser feita por meio da escrita ou da oralidade, mas ainda que ambas, sejam veículos comunicativos são na sua essência, dois discursos com características muito diferentes.

Gaspar, (2015) aponta que, na maior parte das situações em que usamos a linguagem oral, usamo-la para interagir com outros e isso pressupõe um processo interativo, onde desempenhamos alternadamente, o papel do emissor e receptor. Neste contexto, para além de termos de estruturar o nosso discurso, e decodificar a mensagem do nosso interlocutor, temos também de reconhecer, fatores extralinguísticos como, por exemplo, o respeito pelo turno da palavra, isto é, tática da alternância de tomada da palavra.

Avaliação do desenvolvimento oral da Língua Portuguesa

Nesta seção do trabalho vamos trazer estudiosos que tratam da temática Avaliação do desenvolvimento oral da Língua Portuguesa, Formiga (2016) afirma que, devido à grande importância que a língua revela, é necessário conhecer e compreender os processos que são esperados, em cada etapa, relativos à compreensão e produção desta, de modo que podemos identificar se a criança se encontra a desenvolver a linguagem de acordo com o que seria esperado. Para tal, foram criados diferentes tipos de testes de avaliação, dos quais falaremos de seguida, que pretendem detectar se



DINIZ, G. N.

existem dificuldades nas crianças e, desta forma, perceber se estas se encontram num desenvolvimento positivo, ou não (p.11).

Contudo, Viana (1993) refere que “existem, essencialmente, duas metodologias diferentes para a avaliação da linguagem: a primeira consiste em analisar o discurso espontâneo das crianças; a segunda tem a ver com o emprego de situações estruturadas, isto é, de provas especialmente concebidas para o efeito.” (p. 38).

Segundo o autor, a metodologia do discurso espontâneo consiste no registo, posteriormente analisado, de produções linguísticas produzidas pelas crianças em diferentes contextos, uma forma normalmente mais utilizada para destacar as dificuldades das crianças e não a maneira como estas se desenvolvem no nível da linguagem.

Por sua vez, a avaliação através de provas recorre à aplicação de testes estandardizados cujos itens foram especialmente concebidos para analisar, de forma relevante, diferentes aspectos da produção linguística das crianças.

Um olhar no Sistema Educativo angolano

Nesta seção do trabalho vamos trazer estudiosos que tratam da temática Um olhar no Sistema Educativo angolano, O sistema educativo em Angola está regulado pela Lei de Base do Sistema de Educação (doravante LBSE) Lei nº 17/16, de 7 de outubro, onde descreve as línguas de ensino como veículo de comunicação de qualquer atividade humana.

- 1- O Ensino deve ser ministrado em português;
- 2- O Estado promove e assegura as condições humanas, científico-técnicas, materiais e financeiras para a expansão e generalização da utilização no ensino, das demais línguas de Angola bem como da linguagem gestual para os indivíduos com deficiência auditiva.
- 3- Sem prejuízo do previsto no nº1 do presente artigo, e como complemento e instrumento de aprendizagem, podem ser utilizadas línguas de Angola nos diferentes subsistemas de ensino, nos termos a regulamentar em diploma próprio. (Artº 16º)

Por essa perspectiva, a escola tem a missão de garantir que a aprendizagem das competências essenciais da língua, nomeadamente, a oralidade, a leitura, a escrita e a gramática, sejam efetivadas da melhor forma possível (Madeira, 2008).



DINIZ, G. N.

Interferência linguística

Mingas (2000) aponta no mesmo sentido ao considerar as diferenças entre os sistemas linguísticos em causa como responsáveis pela produção de palavras do tipo “*kacriança*”. A formação do diminutivo é feita com o prefixo “ka”.

Acerca da consoante (r), na visão de Quinta at. al (2017), não é frequente a realização do [r] em [R]. Deste modo, para suprir a carência, os locutores de língua materna africana (Kimbundu), sobretudo os menos escolarizados, recorrem com frequência ao lateral [l]. Em outras ocasiões, há alternância do [l] com [r] assim como trocando-o por vezes por [R], como se pode verificar nos exemplos: saldo por *sardo*; faltar por *fartar*; Teresa por *Terresa*, *Telesa*.

O sistema consonântico apresenta consoantes pré-nasalizadas: Segundo Quinta at. al (2017), há que notar a frequência muito grande de consoantes: *mb*, *nd*, *ng*, *./ e /m´b*, *n´d*, *n´g*/ Ex.: Ngola, Ngeve. Esta situação pode levar o indivíduo que dizer em português as seguintes palavras: *mbela* (Bela), *Mbata* (bata), *canderno* (caderno), *combrender* (compreender), *indender* (entender).

Em relação às consoantes S e R, o comportamento é semelhante ao que abordamos na influência da língua kimbundu. Na perspectiva de Quinta at. al (2017), o falante troca o som [Z] por [S], sendo o [S] o som mais próximo. Por exemplo, “vaso” que aparece com a pronúncia /vasso/= [s] em vez de /vaso/ = [z]. Estas dificuldades surgem pela intervenção fonética da LM no sistema fonético da LP. Ao nível fonológico, substituem a realização fonética /r/ e /R/ por //, como exemplos: Maria = Malia; barro = balo, pelo facto destes dois fonemas não existirem em umbundu.

Línguas nacionais e aprendizagem oral da língua portuguesa no ensino pré-escolar

Segundo Pereira, at. Al, (2018), há crianças que trazem para a escola o vocabulário do seu lar e do seu grupo de brincadeiras e outras há que trazem um vocabulário rico e variado, devido ao seu meio cultural e social. Para, além disso, o português enfrenta outra adversidade, falar sobre o ensino - aprendizagem de línguas, o que;



DINIZ, G. N.



implica, obrigatoriamente, refletir sobre os processos envolvidos no desenvolvimento de competências linguísticas, dado que um dos maiores desafios para o educador é compreender como é que um falante desenvolve o seu conhecimento de uma língua” (GASPAR, 2015, p.8) cit. por (Pereira, et. al., 2018).

Assim sendo, Pereira, Diniz e Cruz (2018) referem que o ensino Pré – Escolar teria aqui um papel importantíssimo: para o ano de iniciação, seria imperioso definir, criteriosamente, estratégias de aquisição de língua com um modelo metodológico baseado no ensino do português como língua segunda, de forma a desenvolver ao máximo as competências comunicativas dos alunos.

A aquisição e a aprendizagem da linguagem oral em contexto plurilíngues

Segundo Zau (2011), a escola pode potencializar o gosto por outras línguas e culturas, quaisquer que sejam elas, desenvolvendo valores tais como a compreensão em relação às outras pessoas e a curiosidade pelas diversidades, que se encontram associados ao conhecimento das línguas, como dizem (Sim-Sim et. al., 2008), que:

seria ideal que o educador proporcionasse às crianças em grupo e a cada uma em particular, atividades enriquecedoras e motivantes para que as mesmas se interessem e se envolvam ativamente na sua realização linguística e, conseqüentemente, desenvolvam as suas capacidades em geral e as capacidades de comunicação oral em particular. Entendendo que há necessidade de que a criança utilize com mais frequência a modalidade oral em sala de aula e como consequência obterá um desenvolvimento mais amplo, alcançando assim a ampliação de seu vocabulário (p.35).

Fauslstich (1998), citado por Martins et al (2016), referem que uma planificação linguística que se pautar por um trabalho inclusivo, reunindo as línguas e/ou auscultando os falantes das diversas línguas ou dialetos de uma mesma língua contribui para o estabelecimento de uma política linguística nacional.

De acordo com Zau 2011, a educação plurilíngue é caracterizada por defender a solidariedade linguística e social, a democracia participativa, a compreensão recíproca, assim como o respeito e valorização da diversidade linguística. A concepção da criança como um ser social e a compreensão de que a diversidade linguística é fundamental para esse desenvolvimento, dessa forma, transferem para a escola uma exigência muito



DINIZ, G. N.

grande, no que diz respeito à oferta de condições para a realização do desenvolvimento humano, social e cultural da criança.

Costa et. al. (2016) listam três objetivos relativamente à educação plurilíngue, tal como abaixo se apresenta: “É de despertar o interesse dos alunos pelas línguas; - Favorece o contato entre línguas, quaisquer que sejam os seus estatutos e usos; permite o recurso a língua materna (nacional) dos alunos à medida que vai se introduzindo a língua de escolarização” (p.14).

O mesmo manual de língua portuguesa “Professores do ensino primários”, (2016) Refere também que, é imperioso que se evidencie a inserção das línguas nacionais desde o seu ponto valorativo, no sistema educativo a partir do Pré-Escolar com finalidade de superar dificuldades linguísticas da expressão oral e enriquecer o vocabulário, facilitando o aumento da capacidade de compreensão e comunicação.

Aprendizagem e desenvolvimento da linguagem oral

Mendes (2011) afirma que por meio das aprendizagens que a criança possui ou traz do meio familiar promove-se por meio da comunicação linguística com a construção dos conhecimentos que vai aprendendo na escola (p.6). Na padronização de uma língua está aí implícita a existência de uma variedade de maneiras de falar, ainda segundo os autores “a padronização é o ato e o momento de se escolher qual língua ensinar, usar nas situações legais e que regras devem ser respeitadas para que seja instituído o conceito de certo e errado”, (MARTINS, et.al., 2016 p.405).

A linguagem interior acaba por desempenhar o papel de fato que assegura a passagem do pensamento para a forma verbalizada, ou seja, em voz alta. Sim-Sim (1998) refere também que a aprendizagem das crianças vai sendo assim construída mediante o processo de relação do indivíduo com seu ambiente sociocultural e com o suporte de outros indivíduos mais experientes.

Para que a criança comece a falar, necessita de passar por um processo progressivo de aquisição de sons, designado por desenvolvimento fonológico, o qual integra a capacidade para discriminar (distinguir) sons e para produzir todos os sons da língua materna (SIM-SIM et al, 2008).



DINIZ, G. N.

Desenvolvimento lexical e semântico

Partindo da ideia de que a lexicologia estuda o conjunto de palavras que constituem uma determinada língua, é importante que se trabalhe com as crianças no conhecimento de várias palavras da língua para ajudar a enriquecer o seu léxico. (Conjunto de termos que a criança vai receber na escola- Ensinar novos vocábulos).

Ao fazermos referência ao desenvolvimento lexical, é essencial mencionarmos o desenvolvimento semântico (processo que conduz ao conhecimento do significado das palavras, das frases e dos discursos), devido a existência de uma relação intrínseca entre a aquisição do significado e da aquisição do vocábulo que o expressa (SIM-SIM et al. 2008, p.17).

Portanto é de salientar que, ao longo do desenvolvimento lexical e do desenvolvimento semântico, as crianças, por vezes, perante um novo vocábulo, cometem alguns erros, de nomeação, que representam estratégias que são utilizadas quando desconhecem o rótulo lexical exato.

Desenvolvimento morfossintático.

Qualquer pessoa que domine uma determinada língua compreende e produz palavras pertencentes ao léxico dessa língua. Entretanto, tal fato, não basta para o seu domínio, pois tão importantes como às palavras são as regras que permitem a sua organização em frases que precisam ser observadas. Nos exemplos a seguir, o primeiro é uma mostra de construções não aceitas, por exemplo, na sintaxe da língua portuguesa: *A minha banana comeu. = ele comeu a minha banana; O mo lápi tirou. = Ele tirou o meu lápis.*

Estas regras fazem parte integrante do conhecimento sintático da língua portuguesa, sendo que elas não são regras de combinação de palavras “específicas”, mas sim regras de combinação de classes de palavras (Sim-Sim, 1998).

Em síntese, podemos afirmar que as crianças trazem para a escola o vocabulário do seu lar e do seu grupo de brincadeiras e baseadas na relação entre línguas nacionais e língua portuguesa. Nestas circunstâncias, o educador deve pôr todas as crianças a realizar



DINIZ, G. N.

atividades conjuntas que proporcionem o desenvolvimento e o enriquecimento da linguagem.

Considerações Finais

Os processos que se usam na aprendizagem oral da língua portuguesa, em crianças da iniciação, é frequentemente o estímulo à oralidade, trabalho da linguagem oral da criança, por via das canções as vogais, demonstração de algumas figuras, e os, jogos. A comunicação que se desenvolvem entre as professoras e as crianças, na aprendizagem da língua oral, é a língua portuguesa.

Sendo o primeiro contato que a criança toma com a escola, o nosso ponto de vista seria, dialogar com a criança segundo a realidade do contexto em que está inserida a escola, educar por meio de ilustrações de cartazes, contextualizando a aula com o tema a ser dado.

A formação das educadoras em línguas nacionais, achamos que facilitaria o ensino da língua no processo educativo. Para tal, uma das medidas que se afirmar como vital para o garante do sucesso educativo seria a reconstrução do currículo nacional e o desenvolvimento de uma política linguística que vá de encontro à realidade angolana, atendendo ao contexto plurilíngue e sociocultural.

As línguas nacionais facilitam a aprendizagem oral da língua portuguesa em crianças da iniciação, pois ajudaria na melhor interpretação de significados de determinadas palavras que não são compreendidas em língua Portuguesa; a partir desse conhecimento prévio, trazido da fase de vida anterior a escola, as crianças poderiam ser levadas a compreensão oral da língua portuguesa.

Referências Bibliográficas

ALVES. H.O., & SANTOS. M., (2013) *o lúdico e o ensino de História. XXVII Simpósio Nacional de História. Conhecimento histórico e diálogo social*, Natal RN- 22 a 23 de Julho de 2013. ANPUH.

ANGOLA, *Lei n.º 17/16, de 7 de Outubro. Diário da República nº 170. I Serie.* Assembleia Nacional. Luanda.



DINIZ, G. N.

ANTUNES, C. (2008). **Professores e professoras: reflexões sobre a aula e prática pedagógica diversas**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes. Aquisição da Linguagem 7(2). 163–198.

BARROS, L; Menezes, M.; & Moré, C.L.O, (2008). Psicologia Pediátrica, e seus desafios actuais na formação, pesquisa e intervenção. *Análise Psicológica*, 2 (XXVI): 227-238 em: <https://www.researchgate.net/publication/262373483> **Acedido** em 20 de Agosto de 2019.

COSTA. A. et al, (2016), **Manual de Língua Portuguesa para professores do Ensino Primário**. Projecto aprendizagem para todos. Luanda.

FORMIGA. J.F.R., (2016) **O desenvolvimento linguístico das crianças do pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico: Avaliação da Linguagem Oral de um grupo de 4 e 6 anos de idade**. Dissertação de Mestrado para a Qualificação para a Docência em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico- Instituto Superior de Educação e Ciências (ISEC).

GASPAR, S.I.N.F., (2015), **Língua Portuguesa em Angola: Contributo para uma metodologia de Língua Segunda**. Dissertação de Mestrado em ensino do português como Língua Segunda e Estrangeira. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH). Universidade Nova de Lisboa.

MARTINET, A., (1970). **Elementos de Linguística Geral**. Lisboa: Clássica Editora;

MARTINS, A. A., GOMES, S.F. & Cá, V. J. B. (2016). **Letramento(s)/alfabetização em contextos multilíngues de Angola e Guiné-Bissau**. Educação em Revista Belo Horizonte. V.32. nº4. P.391-412.

PEREIRA, F. M. J., DINIZ, G. N. & CRUZ, M. A. A (2018). **“O não ensino (e a não presença de crianças que falam?)**. De línguas nacionais na educação pré-escolar: a relação língua da escola e língua dos pais”. In revista -Iniciação e Formação Docente- ISCED-Sumbe.

PIAGET, J. A (1998) **psicologia da criança**. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. em: <https://www.webartigos.com/artigos/o-ludico-na-construcao-da-aprendizagem/64356>. **Acedido** aos 21 de Agosto de 2019.

SIM-SIM, I., SILVA, A. C., & NUNES, C. (2008). **Linguagem e comunicação no jardim-de-infância. Texto de apoio para educadores de infância**. Lisboa: DGIDC. em: <http://www.educacion.udc.es/grupos/qjpdac/documentos/congreso/xcongreso/pdfs/t9/t9c294.pdf>. **Acedido** aos 21 de Agosto de 2019.

SIM-SIM, I., SILVA, A., & NUNES, C. (2008). **Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância. Textos de Apoio para Educadores de Infância**. Lisboa: Ministério da Educação- Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

VIGOTSKI, L.S. (2001), **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo Martins Fontes. **“Linguagem e Trabalho Linguístico”**. In; GERALDI, João Wanderley. Portos de Passagem. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZAU, G. & Dele, (2011), **A Língua Portuguesa em Angola Um Contributo Para o Estudo da sua Nacionalização**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, Tese de Doutoramento.



DINIZ, G. N.

Como citar este artigo (ABNT)

DINIZ, G. N. **Os processos da aprendizagem oral da língua portuguesa em crianças do ensino pré-escolar na cidade do Sumbe.** Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. 9, n. 3, p. XXX-XXX, 2022. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

DINIZ, G. N. (2022). **Os processos da aprendizagem oral da língua portuguesa em crianças do ensino pré-escolar na cidade do Sumbe.** Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.